

# Discussões repensam estratégias para produção nacional

*Novas tecnologias e políticas foram tema de debates*

**Patricia Aufderheide**

Especial para o **Correio**

Quando produtores dividem seu triunfo com centenas de fãs entusiastas antes das exibições no Festival de Cinema de Brasília, pode-se sentir, mesmo antes do filme começar, a importância do cinema e da cultura nacionais.

Mas os festivais promovem o cinema nacional de outras formas. Eles oferecem um lugar onde os ilustres convidados que foram trazidos para apresentar seus filmes podem se sentar e conversar seriamente sobre a atividade e seu futuro. E aspirantes a cineastas, bem como simples curiosos, podem escutar isso. Para uma fã estrangeira do cinema brasileiro, foi uma lição fascinante sobre novas políticas.

Todas as tardes entre sexta-feira e segunda-feira, produtores, distribuidores e exibidores de filmes conversaram sobre os temas mais quentes do dia numa pequena sala do hotel Kubitschek Plaza.

De várias formas, era uma cena fa-

Jorge Cardoso



*O Festival serviu para que produtores, exibidores e distribuidores de filmes discutissem com o público os rumos do cinema do país*

miliar: microfones, água mineral e conversa de sobra. Mas, por outro lado, foi uma arrancada revigorante.

“A coisa mais importante que aconteceu nestes últimos dias”, disse Wilson Cunha, programador da Globosat “é a demonstração de uma nova mentalidade, e não estou falando sobre nenhum nonsense neoliberal”.

Ele estava falando de uma atitude que “aceita que nós precisamos e podemos encontrar mecanismos viáveis para participar deste mercado global de cinema e televisão”.

Por muitos anos, discussões sobre a condição dos negócios se transformaram em reclamações dos cineastas contra o imperialismo cultural dos Esta-

dos Unidos e denúncias sobre a má administração das verbas estatais.

Mas este ano, como observou Cunha, houve uma atmosfera de esperança e solução de problemas.

E houve uma fome voraz de informação. Não é por menos. Tanto novas tecnologias quanto novas políticas estão balançando a indústria cinematográfica.

## *TV paga é nova fonte de atrações*

A TV paga, até agora, significou principalmente uma chuva do que alguns chamam “lixo via satélite”, ou programação internacional sem qualquer relação com a cultura brasileira.

A crescente competição está fazendo os programadores se interessarem pelos produtos brasileiros. E a regulamentação da tv à cabo, em preparação, exigirá que os operadores de cabo tenham um canal totalmente brasileiro.

Produtores e distribuidores fuzilaram os debatedores com perguntas: em TV à cabo, quem precisa de uma licença, e para quê? (Os operadores, para conectar casas com o serviço de TV paga).

Existe programação brasileira suficiente para um canal exclusivamente nacional? (Sim, mas conseguir os direitos é uma enorme dor de cabeça). Será popular? (Pode ser, mas exigirá marketing). E quando a regulamentação estará pronta? (O professor da UnB Murilo Ramos diz que a data prevista de 21 de novembro pode ser atrasada).

Políticas do Congresso e ministério da Cultura estão criando novos incentivos, como a redução de impostos. O Ministério planejou um selo cultural especial que exime o Mercosul de taxas.